

CADÁVERES PRESERVADOS: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE TÉCNICAS DE EMBALSAMAMENTO E PRESERVAÇÃO CADAVERÍCA (DAS PRIMEIRAS EVIDÊNCIAS AO COMEÇO DO SÉCULO XX).

Eduardo Mangolim Brandani da Silva¹, Gessica de Brito Bueno².

¹Mestrando do programa de pós-graduação em História (PPH) da Universidade estadual de Maringá (UEM).
edu.magnusdomini@gmail.com

²Acadêmica do curso de História da Universidade estadual de Maringá (UEM – Campus Sede). Bolsista PIBIC/Fundação Araucária.
iamgessicabueno@gmail.com

RESUMO

A morte é um processo natural que acomete todos os seres vivos. Como tal processo se condiciona aos humanos, todas as sociedades buscam vias de lidar com a dor desse evento. Isso significa que as repostas a tal condição natural dependem de articulações do imaginário sociocultural desses grupos, o que gera manifestações fúnebres. Enquanto algumas culturas celebram a morte, a maioria dos grupos lidam com luto. O cadáver enquanto produto da morte conserva a imagem do indivíduo. No entanto devido às etapas da cadaverização, o defunto suscita num grande terror. O embalsamamento entra nessa configuração como uma técnica que garantiu que o cadáver pudesse ser celebrado sem que os terrores da putrefação acometessem os enlutados. Partindo do pressuposto que o embalsamamento acompanha a humanidade desde as primeiras civilizações até os períodos de hoje, esse trabalho visa explorar como essa metodologia se alterou no decorrer do tempo. O embalsamamento possui uma linha do tempo própria dividida em eras. São três divisões: A Era das culturas antigas (Primeiras evidências – 650 D.C.); A Era dos anatomistas (650 D.C. – 1861 D.C.); A Era das indústrias funerárias (1861 D.C. – Tempo presente). A ideia é determinar o porquê das divisões em eras do embalsamamento, situar as intenções existentes em cada um desses períodos, assim como expor diferentes metodologias e como elas eram realizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Embalsamamento; História das ciências da saúde; Ritos Fúnebres; Longa duração.

1 INTRODUÇÃO

Todos os seres vivos existentes são acometidos pela morte. Em todas as temporalidades que atravessaram a espécie humana, a maioria das sociedades acabaram temendo esse processo, devido ao desconhecido que ela encerra. A vida humana ganha significância quando os indivíduos podem estar em contato entre si, gerando uma série de interações. Portanto, a morte acaba representando uma ruptura desse processo (MOORE e WILLIAMSON, 2003). Invariavelmente, se deparar com um cadáver sem preparação aterroriza, pois, as etapas da morte como o Livor Mortis, o Rigor Mortis e a decomposição (processos de cadaverização), trazem contato ao desespero (COLMAN, 1997).

A maneira com a qual os grupos lidam com a morte não é um processo natural, mas sim, historicamente construído de acordo com o imaginário social de cada grupo. Tal relação depende de complexos culturais determinantes, relação essa que designa por sua vez, os ritos fúnebres. As primeiras evidências situam que as sociedades pré-literatas, por exemplo fugiam da morte. No entanto, a relação com o fim da vida foi sendo aos poucos reconstruída pelos grupos populacionais. Por meio de novos paradigmas os grupos passaram a buscar significação para este fenômeno, condição essa que designou ritos sobre o cadáver (MOORE e WILLIAMSON, 2003).

O lidar com o corpo, seja para reutilizar as suas partes ou para embalsamá-lo, acaba gerando um confronto com a morte, atitude essa que constrói a significação do grupo e que estabelece uma dinâmica com a visão de mundo no imaginário dessas culturas. O embalsamamento tem uma longevidade ampla e por meio da comparação entre diferentes culturas, é possível compreender os motivos desses intentos ao lado das diferentes técnicas (COLMAN, 1997).

Os produtos finais do embalsamamento são restos humanos que possuem partes orgânicas preservadas. Seja essa técnica natural ou artificial, a múmia produzida mantinha

assim parte da forma e da aparência. No caso das múmias naturais, são os corpos que foram deixados num local de clima árido, podendo ser frio ou quente, mas que não tinham a intenção de serem mumificados pelo grupo. O artifício natural muitas vezes foi utilizado por grupos humanos. No entanto, essa metodologia acaba sendo considerada como uma questão que envolve fatores externos naturais e artificiais. O processo de mumificação impõe a dimensão de que a célula mantém sua estrutura intracelular, apesar da perda da funcionalidade (LYNNERUP, 2007).

Com o passar do tempo, as intenções em relação à realização de procedimentos de preservação do corpo cadavérico mudaram. Os autores Erich Brenner e Robert G. Mayer, estipulam que existam três períodos distintos na história dessas técnicas, e estes se definem por meio das diferentes intenções para a conservação do cadáver. O primeiro período é chamado período das culturas antigas, se iniciando nas primeiras evidências até o ano de 650 D.C; o segundo período é conhecido como período dos anatomistas (650 D.C. – 1861 D.C.) e o terceiro e último período é conhecido como período funerário (1861 D.C. – tempo presente) (BRENNER, 2014) (JOHNSON et al, 2012).

É partindo do pressuposto que o embalsamamento esteve presente em todas as temporalidades e regiões do globo, que esse trabalho tem sentido. Como existiram muitas metodologias no decorrer do tempo, esse trabalho visa expor algumas delas propondo como eram realizadas tais práticas tanatológicas. As intenções por trás do uso dessas técnicas também serão evidenciadas de forma a relacioná-las com noções culturais do seu respectivo grupo. Esse trabalho também visa situar questões químicas e biológicas que garantiam a preservação cadavérica.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Como o embalsamamento possui um produto físico produzido (Múmias), é interessante notar que as fontes que permitem sua compreensão são muito variadas. Um primeiro tipo de material que seria útil à tal trabalho seriam defuntos preservados por metodologias intencionais. Como esses corpos estão espalhados munda afora, alternativas foram buscadas para suprir a lacuna do contato direto. Trabalhos de arqueólogos, antropólogos, paleólogos, biólogos e químicos puderam ser interpretados à luz da história. Nesse caso houve a necessidade de se utilizar da interdisciplinaridade como via de construir um raciocínio histórico sobre o tema (LATOURET, 2000).

Além do uso de trabalhos prontos de outras áreas, uma série de fontes constituíram esse tema diretamente. Por meio de tratados de embalsamamento produzidos no tempo, assim como relatos dos mesmos, foi possível compor de maneira mais contundente os procedimentos de preservação cadavérica presentes na Idade Média e na Idade Moderna.

Esse trabalho se baseou em três pilares para que pudesse ter constituição. O primeiro deles é a ideia da necessidade de interdisciplinaridade. Sendo o embalsamamento um conhecimento técnico e científico, ele pode ser melhor compreendido ao lado de noções bioquímicas mais atuais. O segundo e o terceiro pilares desse trabalho estão inter cruzados. Sendo um campo que ainda foi pouco explorado por historiadores, foi necessário o uso da semiótica, sendo esse nosso segundo pilar. A ideia é que qualquer detalhe que pudesse ter um mínimo de relação com o embalsamamento foi útil (GINZBURG, 2011).

Essa semiologia foi utilizada ao lado da ideia do nosso terceiro pilar, a Teoria do ator-rede. A ideia seria de que esses cadáveres embalsamados, no decorrer do tempo, não seriam apenas objetos passivos. Eles carregam consigo as intenções que o grupo possuía para realizar o embalsamamento, assim como revelam uma série de técnicas e conhecimentos que o grupo praticante continha. É nesse caminho que se pode pensar que esses cadáveres possuem um potencial ativo em sentido de transmissão de conteúdos

(LATOURE, 2012). Estes conteúdos transmitidos foram fundamentais na composição desse breve histórico sobre as metodologias de embalsamamento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Partindo do que foi citado na introdução, no desenvolvimento deste trabalho serão abordadas as três eras do embalsamamento. Antes de entrar nos debates sobre a era das culturas antigas, é interessante trazer algumas ressalvas sobre critérios que constituíram essas periodizações. Quando se diz que em 650 D.C. se iniciou a Era dos anatomistas, esse marco não significa o fim das intenções existentes anteriormente para se embalsamar, mas sim que novas intenções surgiram. Portanto, esses marcos são apenas referenciais em relação ao surgimento de novas intenções de preservação cadavérica que destoam muito das existentes anteriormente. Inclusive mesmo após 650 D.C., surgiram muitas culturas que praticavam o embalsamamento, mas de forma que estas culturas ainda estavam atreladas às questões da primeira era (BRENNER, 2014).

O período das culturas antigas congrega uma multiplicidade de civilizações. Ao que tudo fica aparente, as primeiras formas de embalsamamento foram realizadas de acordo com noções religiosas, e espirituais das civilizações que praticavam essa técnica (THOMAS, 1989). Esse traço revela que a utilização dessa metodologia dependia de noções culturais muito individuais de cada grupo. Conforme os casos forem sendo apresentados, ficará aparente que essas metodologias tinham a intenção de garantir que o espírito pudesse transitar ao paraíso do grupo, ou para que a essência do defunto pudesse ser mantida em existência em meio aos indivíduos vivos, isso no plano terreno (MOORE e WILLIAMSON, 2003).

Um processo como esse tinha uma função central ou de grande importância, pois o lidar com a morte, independente de como seja, é um fator que mantém coesão social assim como reorganiza o grupo no processo (ARRIAZA et al, pp.196, 1998). Em todos os locais no globo e em diferentes épocas, houveram grupos realizando o embalsamamento. Esses grupos estiveram praticando tal modelo com intenções religiosas, pois as intenções não religiosas apenas se deram na Europa, de forma que foi a partir do continente europeu que tal modelo laico se espalhou para o mundo.

Sabendo do grande número de civilizações que preservavam cadáveres com intenções espirituais, cabe aqui propor alguns casos para serem debatidos. O primeiro grupo que será aqui debatido é o da civilização Chinchorro. Essa civilização existiu no período entre 7000 A.C. até 1500 A.C., sendo assim uma das mais antigas existentes. A relevância dos Chinchorros está no fato de que eles foram os primeiros a produzirem múmias intencionalmente (ARRIAZA, 1996). Os Chinchorros, enquanto grupo pré-cerâmico que viveu na região do Atacama, tinham um diferencial que era sua forma sedentária de organização, modelo dependente e possibilitado através da pesca e coleta marítima. Essa cultura tinha um baixo grau de hierarquia social e desigualdade, assim como não possuía um poder central. Porém, provavelmente haviam indivíduos com certos cargos de função espiritual e cultural, que se traduziam no embalsamar (ARRIAZA et al, 1998) (SEPÚLVEDA et al., 2014). Esse grupo não tinha conhecimento do algodão, tecidos, metalurgia nem cerâmica, assim como não tinham domesticação animal e agricultura. No entanto, apesar de todas essas condições, a prática mortuária do embalsamamento desse grupo tinha grande sofisticação (ARRIAZA, 1996).

O contexto de ampla aridez e calor, aliado ao crescimento populacional, fez com que muitos corpos fossem abandonados distantes do grupo. Como o clima é muito árido e quente, múmias naturais foram geradas, processo que deve ter instigado o imaginário desse grupo em busca de produzir modelos similares (BRENNER, 2014). Essa cultura em torno do embalsamamento existiu entre 6000 e 1500 A.C. Portanto, teve quase cinco mil

anos de duração (ARRIAZA, pp.131, 1996). A múmia mais antiga desse grupo apresenta entre 7800 e 8000 anos de idade (AUFDERHEID et al, p.199, 1993). Mesmo em uma sociedade sem ampla hierarquização, é provável que havia indivíduos que realizavam tais procedimentos, isso porque em meio às diferentes múmias produzidas se percebe um alto grau de conhecimento anatômico e tanatológico (ARRIAZA, pp.61, 2015).

Esse grupo produziu cinco tipos de múmias: As negras, as vermelhas, as enfaixadas, as de lama e por fim as de tipo natural-intencional. Esses últimos casos são aqueles que foram deixadas num espaço natural, de forma que foram cadáveres intencionalmente dispostos nesses locais, com a ideia de que eles pudessem mumificar naturalmente (ARRIAZA,1996). Esses modelos foram produzidos em períodos diferentes, de maneira que eles possuem diferentes níveis de sofisticação. A exposição completa dessas metodologias ficará para um próximo trabalho, no entanto é interessante comentar algumas questões. Em todos os casos, com exceção do modelo natural, houve o uso de argilas e lamas sobre esses cadáveres. Devido ao alto índice de ferro nessas lamas e argilas, esses cadáveres tiveram possibilidade de se manterem preservados, mantendo partes orgânicas até os dias atuais (ARRIAZA, 1996) (SEPÚLVEDA et al, 2014).

A evisceração também foi utilizada sobre os três primeiros modelos, de forma que no caso das múmias de lama não se tem esse registro. Esse tipo de atitude está relacionado com a busca em eliminar o excesso de umidade do cadáver, essa contida no interior do corpo (ARRIAZA, 1996). O uso da evisceração e de lamas para o embalsamamento deve ter se dado por dois motivos. As múmias naturais encontradas estavam em meio ao solo, de forma que tais cadáveres estavam dessecados. Os indivíduos desse grupo, com a intenção de reproduzir esse processo natural, provavelmente associaram que as lamas ao lado do combate à umidade, eram úteis para a preservação (ARRIAZA et al, 1998). Por se tratar de uma sociedade antiga, o local habitado tinha uma conotação de sagrado enraizada. Portanto, as múmias naturais não intencionais devem ter servido como aspecto de continuidade, o que trouxe o desejo pela reprodução desse modelo.

O embalsamamento para esse grupo vinha de uma questão religiosa. Isso permitia que o morto fosse integrado ao mundo dos espíritos, assim como o grupo poderia se manter organizado por meio de coesão social, pois a múmia também era uma via de contato com os antepassados (SEPÚLVEDA et al, 2014). A dimensão do pós-vida advém do controle da decomposição, que seria sinal de contornar a morte em detrimento da eternidade da alma. A continuidade da existência da carne seria aquilo que permitia a existência do indivíduo (ARRIAZA, 1996; ARRIAZA, 2015)

Um segundo caso que segue as intenções religiosas do primeiro período da Era dos embalsamamentos e que será aqui destacado, é o embalsamamento realizado pela civilização Aleuta. O interesse de comentar sobre esse grupo parte de dois pressupostos. A metodologia de embalsamamento deste grupo surgiu por volta do ano 1000 D.C., portanto está dentro da segunda era do embalsamamento. No entanto, por ser um modelo de tipo religioso, ela acaba sendo enquadrada na primeira era do embalsamento. Isso reforça a tese inicial de que as periodizações servem como referenciais de surgimento de novas intenções, e não do fim das anteriores. O segundo motivo é devido ao fato de que essa cultura embalsamava seus cadáveres com a intenção de manter sua essência no plano terreno. Portanto é um exemplo diferente do primeiro, no qual havia um paraíso num outro plano (ZIMMERMAN, 1998).

Esse grupo populacional habitou o arquipélago Kodiak, mais especificamente o conjunto de ilhas Aleutas. Esse grupo populacional tinha similaridades com os esquimós do Alasca. Seu modelo de vida era dependente de caça e coleta, sendo os produtos do mar os principais recursos. Eles não viviam em iglus como parte da população esquimó, sendo suas casas chamadas de Barabara. Estas eram construções de madeira e grama geralmente erigidas no subsolo (ZIMMERMAN, 1996).

Os Aleutas se propuseram a realizar o embalsamamento porque acreditavam que remanescentes espirituais ainda habitavam o cadáver, portanto ele necessitava de algum cuidado. Esses indivíduos desenvolveram um amplo interesse anatômico, elaborando inclusive um longo vocabulário sobre as partes do corpo. O processo de aprendizado se deu pela exploração de corpos de indivíduos do grupo, havendo um processo de anatomia comparada com a abertura de corpos de animais marinhos. A questão fúnebre era algo muito importante à tal cultura. A maioria dos corpos achados datam do século XVIII, sendo que o objetivo era limitar a putrefação (ZIMMERMANN, 1996; ZIMMERMAN, 1998).

Em relação a técnica, esse é outro grupo que possuía mais de uma metodologia, sendo dois tipos muito parecidos. Uma era para guerreiros e líderes dos povoados, enquanto que a outra servia aos indivíduos comuns, no entanto todos eram embalsamados tal qual no caso dos Chinchorros. A diferença entre a metodologia superior e a inferior, é que na primeira havia a evisceração ao lado do preenchimento das cavidades, enquanto que na de tipo inferior isso não era realizado (ZIMMERMAN et al, 1971).

O cadáver era eviscerado e posteriormente era preenchido com grama seca. Esse cadáver era amarrado e disposto numa correnteza de alto fluxo de água gélida, para que restassem apenas os músculos, os ossos e a pele. A múmia era deixada secando ao ar livre ou por meio do uso de fogo. Após isso, esse cadáver era disposto em posição fetal, de forma que ele seria enrolado em peles de focas e aves marinhas, assim como tripas de leões marinhos. Essas peles evitavam o contato com a umidade, mantendo esse cadáver seco. Esses corpos eram deixados em cavernas que possuíam vapores vulcânicos. Esse cenário criava o clima ideal para que os cadáveres se mantivessem preservados e mumificados (ZIMMERMAN, 1996; ZIMMERMAN, 1998).

Essas duas civilizações citadas são apenas alguns exemplos da ampla miscelânea de culturas envolvidas no embalsamamento de questões espirituais. Existem outros exemplos famosos que não foram aqui incluídos, como os egípcios, os Incas, as múmias de Mawangtui e muitos outros exemplos. No entanto como citado acima, tais exemplos ficam para um próximo trabalho.

Após a explanação de elementos e questões da primeira era do embalsamamento, prosseguimos com a exposição de questões da segunda era do embalsamamento, a Era dos anatomistas. Como citado acima, a entrada para essa era se deu por volta de 650 D.C. É interessante notar que esse período recebeu a nomenclatura de era dos anatomistas, no entanto o interesse concreto em relação à exploração anatômica na prática só veio se dar por volta do fim do século XIII (PRIORESCHI, 2001).

No entanto, o grande diferencial nesse período é que pela primeira vez surgiram motivos de embalsamamento que estiveram relacionados com questões fora do eixo religioso. Por mais que interesses profundos sobre a anatomia apenas tenham surgido no século XIII, entre os anos 650 D.C. e 1300 D.C. os cadáveres necessitavam de intervenções para terem a putrefação combatida. Como as intenções não eram mais religiosas, e no período que vai de 650 D.C. até 1860 D.C., houve o florescimento dos interesses em anatomia (JOHNSON et al, 2012).

Os novos motivos que destoavam da questão religiosa, surgiram então num primeiro momento na Europa feudal. Nota-se que o primeiro motivo que veio a aparecer foi relacionado com a ideia de preservar a imagem de poder do dignitário. Depois surgiram outros motivos como será mostrado, como questões de transporte cadavérico e a produção de peças anatômicas para aulas de anatomia. A última intenção relacionada à saúde pública veio a ter maior intenção apenas na Era Moderna, apesar de que os primeiros traços disso apareceram na própria Idade Média (BRENNER, 2014).

A mudança em relação ao modelo religioso veio dando sinais de mudança em quatro situações. Primeiramente nota-se na China, na constituição do mausoléu de Mawangtui (206 A.C. – 9 D.C.). Esse sítio arqueológico da dinastia Han possui uma série de múmias.

Existem duas discussões sobre tais cadáveres. A primeira discussão é se essas múmias foram intencionais ou se surgiram naturalmente. As provas dão tendência de que alguns exemplares são naturais, enquanto que outros são artificiais. É sobre os supostos exemplares artificiais que surge o grande debate, se havia intenções religiosas ou se essas múmias foram constituídas por uma questão da imagem do defunto. A ideia mais aceita é que tenha se dado uma união dos dois fatores (SAKURAI et al, 1998).

O modelo chinês não está vinculado com as questões de embalsamamento na Idade Média europeia. Esse modelo está relacionado com questões herdadas no Egito antigo e do império romano. No período em que o Egito esteve dominado pelos romanos (332 A.C. – 392 D.C.), essa cultura ainda realizava o embalsamamento. No entanto nota-se que nesse período o embalsamamento passou a ser realizado por aspectos morais para com o defunto, de forma que as intenções religiosas estavam se dissipando (COCKITT, 2015). A dominação romana sobre suas províncias, fez com que o centro do império tivesse de lidar com aspectos culturais locais. Boa parte dos aspectos culturais estrangeiros eram menosprezados, de forma que havia certa xenofobia por parte de Roma. Esse tipo de sentimento também se dava sobre o embalsamamento egípcio (COUNTS, 1996).

O costume fúnebre romano até o século I D.C. era de cremar seus cadáveres. No entanto nos três primeiros séculos D.C, o costume foi transitando para a inumação cadavérica. A partir daí nota-se que entre os anos 50 D.C. e 350 D.C. houveram casos de embalsamamento. O interessante é que esse costume foi baseado no modelo egípcio, sendo que a intenção era também em sentido moral para com o defunto (COUNTS, 1996).

A prática romana de embalsamamento foi muito importante para que os indivíduos do medievo também realizassem tal técnica. Apesar disso é preciso aqui citar um quarto e último modelo, este está diretamente ligado ao costume de preservação cadavérica presente no medievo. O costume que estamos aqui citando, é justamente o de que a limpeza e cuidados com o cadáver entre as culturas rabínicas e do cristianismo primitivo. Tais tratamentos cadavéricos não eram formas de embalsamamento, isso porque não havia a intenção de se produzir múmias. A ideia era manter o corpo aromatizado para o momento do funeral. Recursos como balsamos, unguentos e óleos eram utilizados sobre o cadáver a partir de plantas como a mirra, o benjoim e os aloés. Tais recursos possuem propriedades alcaloides, terpenos e compostos fenólicos. Tais elementos possuem propriedades bactericidas e fungicidas, portanto a decomposição demorava para vir, o que muitas vezes fez com que múmias surgissem (TONER, 2015).

Com a queda da parte ocidental do império romano, nota-se que os conhecimentos médicos existentes nesse espaço foram parcialmente perdidos. Mais do que se possa pensar, na perda dos materiais e conhecimentos, é interessante propor que esses conhecimentos ficaram dispersos e fragmentados no interior da Europa. A ideia é que os locais durante os ataques e invasões bárbaras foram depredados. Assim, cada local no interior da Europa ficou com algumas obras ou pedaços delas, de forma que os locais dependiam das fontes que tinham lhes restado. Daí a dimensão de fragmentado e disperso (PORTER, 1999).

Esse novo cenário do medievo consistia num espaço onde havia indivíduos que preservavam os antigos conhecimentos médicos humorais do mundo greco-romano, além de que haviam os indivíduos da igreja com conhecimentos técnicos advindos do cristianismo primitivo, e um grande contingente populacional campesino que variava entre indivíduos pertencentes ao império e os novos ocupantes bárbaros. Nesse novo horizonte, nota-se que o embalsamamento se manteve em uso entre membros da realeza e entre os membros de alta hierarquia da igreja (JOHNSON et al, 2012).

Essa questão merece algumas ressalvas à serem aqui dispostas. Com a queda do império do ocidente, o cristianismo despontou como a nova força no interior da Europa. Os conhecimentos romanos sobre o embalsamamento parecem terem sido sobrepostos pelo

tratamento cadavérico dos cristãos. Isso significa que os novos reinados bárbaros em processo de cristianização passaram à tomar cuidados com seus defuntos. A ideia era realizar um procedimento similar ao do cristianismo primitivo, ou seja, de lavagem e aromatização do corpo. No entanto devido registros antigos, estava claro à tais indivíduos que o uso desses aromáticos postergava os efeitos da putrefação. O uso desses aromáticos tinha uma dupla intenção: Garantir que o cadáver tivesse bom odor, pois os odores ruins eram considerados sinal do pecado; Postergar a decomposição para que o funeral pudesse ocorrer tranquilamente (JOHNSON et al, 2012).

Esse interesse se dava entre os indivíduos da realeza por uma questão de interesse da imagem política do defunto real. No caso da igreja a ideia de utilizar tal tratamento se dava sobre todos os indivíduos de alta hierarquia. Porém sobre aqueles que eram pensados como condicionados à serem santos, um trabalho rigoroso era feito para garantir que a múmia fosse gerada (TONER, 2015).

Nota-se que essa metodologia não tinha uma intervenção tão incisiva sobre o cadáver quanto às citadas anteriormente. É interessante notar que o trabalho se dava apenas externamente. Isso se deu em boa parte porque o cristianismo primitivo que adentrou no começo da Idade Média entendia que a evisceração sobre o cadáver era algo profano. Esse entendimento por volta do século IX D.C. já estava bem dissipado, portanto, uma intervenção mais abrupta só foi ter espaço novamente no fim desse século (KREJCI, 2005). O marco de 650 D.C é utilizado porque a partir daí nota-se um período mais estável no interior da Europa.

Muito se falou que o modelo utilizado tinha uma base religiosa, no entanto é preciso ir além quando se trata desse modelo. É preciso comentar aqui que diferentes autores da transição da antiguidade ao medievo atestam que os valores da medicina humoral tinham forte presença em meio às elites. Inclusive esse modelo de medicina física também era estudado pelos membros do clero. Portanto frente à tal noção é interessante situar que as medicinas espirituais e físicas conviveram nesse período. No entanto entre os anos 500 e 950 a prevalência foi do modelo espiritual. Sendo assim quando um embalsamamento era realizado, é possível propor que nesse processo o uso de plantas geralmente estava de acordo com noções religiosas, assim como com questões da lógica humoral (KREJCI, 2005).

Como foi citado acima no século IX D.C. não haviam mais tantos problemas em relação à evisceração cadavérica. No entanto só se tem registros de um embalsamamento com esse tipo de procedimento ocorrendo, por volta de 877 D.C. Esse foi o procedimento que se deu sobre o cadáver do imperador Carlos o Calvo. Esse procedimento consistiu na evisceração da região abdominal e torácica, de forma que as cavidades foram preenchidas com sais, vinhos e especiarias. O corpo inclusive foi disposto num barril cheio de resina de pinheiro. Infelizmente esse processo falhou, de forma que o cadáver entrou em putrefação. Os odores pútridos da corrupção cadavérica fizeram com que esse cadáver fosse inumado longe do seu local de destino, pois os odores eram considerados perigosos pela comitiva que o carregava (JOHNSON et al., 2012).

A partir desse momento tem-se um novo horizonte e perspectivas em relação ao embalsamamento. Nota-se que do século IX em diante cadáveres foram sendo preservados por meio da evisceração ao lado do uso de álcoois, plantas, balsamos, óleos e sais. A medicina humoral a partir do século XI recompunha sua primazia tal qual no mundo greco-romano, sendo isso de grande relevância nos aprimoramentos do embalsamamento. O uso dessa técnica se destinava aos transportes cadavéricos, assim como para manter a imagem do defunto aceitável no funeral. No caso da igreja existem poucos registros de intervenções desse tipo, de forma que eles se mantiveram com o uso predominante de lavagem e preservação externa do cadáver sem evisceração (KAUFMANN, 1996).

Com a retomada das disseções cadavéricas humanas no fim do século XIII, nota-se que outro interesse surgiu para com o embalsamamento. É possível observar que os indivíduos passaram a ter plenos interesses no uso do embalsamamento com intenção de produção de peças anatômicas no século XIV. No entanto, esse tipo de intento só foi ter sucesso de fato entre o fim do século XVII e primeira metade do século XVIII. Até o fim da Idade Média, entre o fim do século XV e começo do século XVI, as metodologias de embalsamamento consistiam na evisceração ao lado do uso de muitos recursos preservativos. As intenções fugiam de noções religiosas, sendo interessante a produção do embalsamamento para transporte, para momentos fúnebres e com a intenção de produção de peças anatômicas.

O século XVI não apresentou muitas mudanças com relação ao embalsamamento, inclusive mudanças mais intensivas sobre essa técnica só vieram por vir no fim do século XVII. Apesar do século XVI não ter trazido grandes mudanças técnicas para esse campo, nota-se que ele foi de eximia importância quando se pensa na dimensão de teorias médicas. Os trabalhos do anatomista belga Andreas Vesalius (1514-1564) fizeram com que a anatomia fosse observada por meio de novos prismas. As noções anatômicas se alteraram profundamente, de forma que William Harvey formulou a teoria da circulação (LINDEMANN, 2002).

Essa teoria foi fundamental para que o embalsamamento pudesse ganhar um novo grau de sofisticação. Essa teoria, ao lado da criação de seringas de sucção deu origem ao modelo de embalsamamento com o uso de injeções de recursos químicos. O Século XVII foi palco também de surgimento das iatromedicinas. A iatroquímica foi fundamental para que o corpo pudesse ser pensado por meio de processos químicos, enquanto que a iatrofísica permitiu que o corpo fosse entendido por meio da fluidez das partes internas. Assim na Holanda do final do século XVII surgiu uma metodologia de embalsamamento que consistia em incisões sobre o corpo ao lado de injeções de recursos químicos preservativos. Em alguns casos os cadáveres além das injeções eram deixados submersos em soluções preservativas (RANDOLPH, 2000).

O século XVIII seguiu essa tendência, de forma que alguns autores realizavam as injeções ao lado da realização da evisceração, enquanto outros se mantiveram apenas no uso das injeções preservativas. Nesse século houveram muitas conquistas em relação à química de maneira que se percebe que as técnicas passaram a permitir que os cadáveres tivessem maior durabilidade. É nesse momento que peças anatômicas puderam ser produzidas com maior segurança em relação à durabilidade (JOHNSON et al., 2012).

Um outro interesse surgiu em relação ao embalsamamento no final do século XVIII. Em meio às múltiplas reformas urbanas que se davam sobre grandes centros, como Paris e Londres, havia a concepção de que os odores pútridos eram considerados danosos. Portanto os cadáveres eram fontes de perigos. Uma das ideias que surge era de que os cadáveres pudessem ser tratados com o embalsamamento, com a intenção de saúde pública. Isso significa que os cadáveres seriam preservados e depois seriam inumados, evitando-se assim a presença dos vapores nocivos (JOHNSON et al., 2012).

A ideia de que o embalsamamento evitava a manifestação e presença dos gases pútridos não veio do período moderno. Desde a baixa Idade Média estava claro que o embalsamamento era uma metodologia de grande utilidade para se evitar a manifestação dos vapores pútridos. A diferença é que os físicos e sanitaristas do fim do século XVIII promoveram a ideia de que esse uso poderia ser disseminado para todos.

O grande entrave à tal questão ainda eram os custos. No século XIX uma série de químicos continuaram investigando recursos químicos úteis para a realização do embalsamamento. Esse processo ao lado dos impactos da revolução industrial permitiu que os custos do processo fossem barateados. Na segunda metade do século XIX, no contexto da guerra civil estadunidense, nota-se que apareceram as primeiras marcas do

embalsamamento voltado à um público mais geral. Os parentes dos soldados que faleciam na guerra, recebiam a proposta de que o cadáver do combatente fosse embalsamado. Num primeiro momento houve obrigatoriedade do processo, pois ao que tudo aparenta, os embalsamadores colocavam que era essencial esse investimento para que o cadáver pudesse ser transportado com segurança. Esse processo só se alterou no século XX, de forma que essa obrigatoriedade foi mantida por esse longo tempo (JOHNSON et al., 2012).

Com os ganhos desses embalsamadores no século XIX, nota-se que diferentes empresas de produtos químicos passaram a comprar formulas desses embalsamadores, isso com a intenção de ramificar suas produções. Isso significa que a partir de 1861, com esses embalsamadores, surgiu o ciclo das indústrias funerárias. Isso porque as indústrias químicas se ramificaram tendo também indústrias funerárias. Esses locais produziam de maneira sistêmica e contínua o embalsamamento. Inclusive no fim do século XIX foram surgindo leis nos EUA que definiam que o embalsamamento era uma prática necessária. A questão era que nos EUA você poderia escolher a empresa no qual essa ação seria promovida (TROMPETTE e LEMONNIER, 2009).

Esse foi o cenário de entrada do século XX e que de certa forma vem até os dias atuais. Nota-se que em algumas nações o embalsamamento se dá por meio de companhias estatais, enquanto que em outros são empresas privadas que devem ser escolhidas para o tratamento de defunto. Ainda hoje existem pesquisas em torno do embalsamamento e de técnicas de preservação cadavérica. Primeiramente porque ainda se buscam técnicas mais baratas e de melhor qualidade para questões fúnebres. O segundo motivo é em relação às peças anatômicas, que por mais que se tenha bons métodos, ainda assim se busca métodos que possam garantir que o corpo se mantenha muito bem preservado (TROMPETTE e LEMONNIER, 2009).

4 CONCLUSÃO

Como ficou aparente pela breve exposição feita acima, nota-se que o embalsamamento esteve em uso pelos grupos humanos desde as primeiras civilizações. As técnicas foram sendo utilizadas no decorrer do tempo de forma que se possa pensar que elas acompanham as sociedades humanas até o tempo presente. Pensando nessas questões é interessante notar que as intenções mudaram muito no decorrer do tempo, assim como se alteraram as técnicas de acordo com o grupo estudado.

Partindo desse pressuposto foi possível observar que na Era das culturas antigas a grande intenção se dava a partir de pressupostos religiosos do grupo identificado. Cada cultura manifestou algum tipo de medida, de forma que o princípio básico que aparenta ter guiado esses grupos fora a observação da natureza. O período dos anatomistas se deu na Europa a partir de sua era medieval. É interessante notar que os motivos por trás do embalsamamento se diversificaram. O ponto interessante é que nenhum deles tinha uma intenção religiosa de fato, sendo questões fúnebres, como a preservação de imagem do defunto ou transporte cadavérico, assim como a questão da produção de peças anatômicas. Tais interesses nunca perderam espaço até o tempo presente. O último período teve seus inícios na Europa, no entanto é preciso aqui destacar a dimensão de que seu desenvolvimento se deu nos EUA por volta de 1861. A grande mudança em relação a esse período é a questão de uma produção industrial do embalsamamento ao lado do novo pressuposto de embalsamamento para motivos de saúde pública. Nesse modelo também se nota uma intenção relacionada com a ideia de produção capitalista, isso pensando na ideia de indústria fúnebre (JOHNSON et al., 2012).

Apesar de cada período ter uma intenção própria, é preciso ressaltar aqui a dimensão de que independente do período existem aspectos comuns que unem o sentimento por trás do embalsamamento. O temor da morte é precisamente a grande fonte

por trás da existência dessas técnicas, pois a preservação cadavérica visa justamente combater o resultado iminente da morte, que é o cadáver. O defunto conforme vai passando pelos processos de cadaverização gera justamente um amplo terror. Esse sentimento surge porque geralmente a pessoa acaba se colocando no lugar do cadáver, como se pensasse nessa condição em si mesmo. A angústia suscitada é complexa, de forma que esse cenário do podre é recusado. Portanto enquanto a inumação surgiu como via de esconder a morte, o embalsamamento apareceu como a ideia de superar os efeitos da cadaverização. Esse sentimento de terror atravessou as sociedades no decorrer do tempo de tal forma que até hoje ele influencia os indivíduos, isso perceptível pela intenção de garantir que os funerais não despertem tal desespero (THOMAS, 1989).

O embalsamamento foi importante por outros motivos que além de ritos fúnebres. Nota-se que ele importou como um modelo para a produção de peças anatômicas, portanto foi uma técnica de exímia importância para o estudo de anatomia no decorrer do tempo (TROMPETTE e LEMONNIER, 2009).

REFERÊNCIAS.

ARRIAZA, B. **Preparation of the dead in coastal Andean preceramic populations.** In: Human Mummies. 1 ed. Nova Iorque: Springer – Verlag Wien New York, 1996, pp.131-140

ARRIAZA, T.B., ARROYO, F.C., KLEISS, E. e VERANO, J.W. **South American Mummies: Cultures and disease.** In: Mummies, disease and ancient cultures. 2 ed. Cambridge: Cambridge university press, 1998, pp.190-234

ARRIAZA, B. **Chinchorro Mummies.** In: Mummies around the world – An encyclopedia OF MUMMIES IN HISTORY, RELIGION, AND POPULAR CULTURE. 1 ed. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2015, pp.60-64.

AUFDERHEID, A.C., MUÑOZ, I. e ARRIAZA, B. **Seven Chinchorro Mummies and the Prehistory of Northern Chile.** AMERICAN JOURNAL OF PHYSICAL ANTHROPOLOGY, V.91, pp.189-201, 1993.

BRENNER, E. **Human body preservation – Old and new techniques.** Journal of Anatomy, V.224, pp.316-244, 2014.

COCKITT, J. **Egyptian mummification methods.** In: Mummies around the world – An encyclopedia OF MUMMIES IN HISTORY, RELIGION, AND POPULAR CULTURE. 1 ed. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2015, pp.108-112.

COLMAN, P. **Corpses, coffins and Crypts, A history of burial.** 1 ed. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1997.

COUNTS, D.B. **Regum Externorum Consuetudine: The Nature and Function of Embalming in Rome.** Classical Antiquity, V.15, N.2, 1996, 189-202.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais – Morfologia e História.** 3 ed. São Paulo: Schwartz LTDA. 2011.

- JOHNSON, E.C., JOHNSON, G.R. e JOHNSON, M. **The origin and history of embalming.** In: **Embalming history, Theory and practice.** 5 ed. New York: Mcgraw hill, 2012, pp.981-1078
- KAUFMANN, B. **Mummification in the Middle Ages.** In: Human Mummies. 1 ed. Nova lorque: Springer, 1996, pp.231-238.
- KREJCI, E.W. **Excarnation, evisceration, and exhumation in medieval and post-medieval Europe.** In: Interacting with the dead: Perspectives on Mortuary Archaeology for the new millenium. 1 ed. Gainesville: University press of Florida, 2005, pp.155-172.
- LATOUR, B. **CIÊNCIA EM AÇÃO: COMO SEGUIR CIENTISTAS E ENGENHEIROS SOCIEDADE AFORA.** 1 ed. São Paulo: Editora UNESP. 2000.
- LATOUR, B. **Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede.** 1 ed. Salvador: Edufba. 2012.
- LINDEMANN, M. **Medicina e sociedade no início da Europa moderna: Novas abordagens da história europeia.** 1 ed. Lisboa: Replicação, 2002.
- LYNNERUP, N. **Mummies.** American Journal of Physical anthropology, V.134, N.s45, pp.162-190, 2007.
- MOORE, C.C., WILLIAMSON, J.B. **THE UNIVERSAL FEAR OF DEATH AND THE CULTURAL RESPONSE.** In: Handbook of death and dying, VOL.2. 1 ed. Londres: Sage publications, 2003, pp.3-13.
- PORTER, R. **The greatest Benefit to Mankind – A medical history of humanity from Antiquity to the present.** 4 ed. Nova lorque: Harper Collins. 1999.
- PRIORESCHI, P. **Determinants of the revival of dissection of the human body in the Middle Ages.** Medical Hyptheses, V.56, N.2, pp.229-234, 2001.
- RANDOLPH, F. **Surgery in the 1700s.** In: Science and Its times: understanding the social significance of scientific Discovery, Volume 1. 1 ed. Farmington Hills: Gale Research Inc., 2000, pp.139-144
- SAKURAI, K., OGATA, T., MORIMOTO, I., LONG-XIANG, P. e ZONG-BI, W. **Mummies from Japan and China.** In: Mummies, disease and ancient cultures. 2 ed., Cambridge: Cambridge university press, 1998, pp.308-335.
- SEPÚLVEDA, M., ROUSSELIERE, H., ELSLANDE, E.V., ARRIAZA, B., STANDEN, V., SANTORO, C.M. e WALTER, P. **Study of color pigments associated to archaic chinchorro mummies and grave goods in Northern Chile (7000–3500 B.P.).** Heritage Science, V.2, N.7, pp.1-12, 2014.
- THOMAS L.V. **El Cadaver.** 1 ed. Cidade do México: Colección popular, 1989.
- TONER, J. **Smell and Christianity.** In: Smell and the ancient senses. 1 ed. Nova lorque: Routledge, 2015, pp.158-170.

TROMPETTE, P. e LEMONNIER, M. **Funeral embalming: The transformation of a medical innovation.** Science Studies, V.2, N.2, pp.9-30, 2009.

ZIMMERMAN, M.R., YETMAN, G.W. e SPRINZ, H. **EXAMINATION OF AN ALEUTIAN MUMMY.** Bulletin of the New York Academy of medicine, V.47, N.1, pp.80-103, 1971.

ZIMMERMAN, M.R. **Mummies of the Arctic regions.** In: Human Mummies. 1 ed. Nova Iorque: Springer – Verlag Wien New York, 1996, pp. 83-92.

ZIMMERMAN, M.R. **Alaskan and Aleutian mummies.** In: Mummies, disease and ancient cultures. 2 ed. Cambridge: Cambridge university press, 1998, pp. 138-153.